



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JAYME WERNER DOS REIS I**

**(depoimento)**

**2004**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-67

**Entrevistado:** Jayme Werner dos Reis

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Luanda Dutra e Leila Matos

**Data da entrevista:** 2004

**Transcrição:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Conferência Fidelidade:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Fitas:** (01 fita) 67/01-A e 67/01-B

**Total de gravação:** 60 minutos

**Páginas Digitadas:** 21

**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 02134/2010/01

**Número de registro da fita:** 02134/2010/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

REIS, Jayme Werner dos. *Jayme dos Reis I (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Prática da natação da ESEF no tanque; professores que ministravam a disciplina de natação; escolha pela educação física; início do envolvimento com a ESEF; período como aluno: locais das aulas, rotina, professores; período como professor: parcerias com clubes para as aulas da graduação, separação das turmas por sexo, união das turmas masculina e feminina na natação, estrutura física da Escola; envolvimento com o Centro Olímpico; planejamento e construção da área física da Escola; construção do Centro Natatório; projetos de natação; cargos que ocupou dentro da UFRGS; desporto universitário; viagem para Alemanha: Universidade de Colônia; livros publicados.

Porto Alegre, 2004. Entrevista com o professor Jayme Werner dos Reis, a cargo das entrevistadoras Luanda Dutra e Leila Matos para o projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte:

L.D. - Quando a Escola veio para cá em 1964...

J.R. – É. E a gente não tinha ainda a piscina aqui. Então, começamos a trabalhar, Petrópoles Tênis Clube<sup>1</sup>, Grêmio Náutico União<sup>2</sup>, o Grêmio Náutico Gaúcho<sup>3</sup>. Tudo emprestado. Tudo. A Escola<sup>4</sup> não tinha piscina. Até, senão me engano, [palavra inaudível]. Aí a gente pensou em construir um tanque aqui. Pelo menos para as aulas de aprendizagem. Foi construído, senão me engano, com recursos conseguidos pelo professor Cleomar<sup>5</sup>. Ele era professor na Escola de basquete, mas ele trabalhava na SEC<sup>6</sup> ainda. E conseguiu recursos no Rio de Janeiro. Aí construiu-se o tanque aqui. O tanque era doze e meio por dez. Quem deu a idéia da piscina assim com degrau fui eu. Até porque eu tinha alguns livros em alemão e dali eu disse: “Excelente piscina para ensinar a nadar, com degraus”. Então, tinha vários níveis de profundidade. Claro, não era aquecida, era água fria, uma geladeira [riso]. O pessoal para entrar na piscina tomava um conhaquezinho antes e claro, eu não podia deixar [palavra inaudível]. “Entro sim”. *Passava* uma ducha fria e *entrava* na piscina junto com eles. O chuveiro era aqui fora. Isso aqui era tudo aberto. Então, a gente... Primeiro, nós tivemos um problema sério na área. Era esse vilarejo que tinha aqui em volta. Tudo era assim, um pessoal da pesada. Então, o que eles faziam? Arrebentavam a cerca da área e vinham tomar banho na piscina. Outro problema, não tinha tratamento na água. *Semanalmente* nós tínhamos que trocar a água. Então, o professor Jayme aprendeu a lidar com o tratamento de piscina. Eu fiz curso no Rio de Janeiro lá sobre tratamento de água e trouxe para cá. Bom, uma das coisas que a gente conseguiu botar na cabeça é que a gente tinha a necessidade de botar filtros. Um filtro pelo menos. Então, segunda-feira de manhã não se dava aula porque tinha-se que fazer o tratamento da piscina. Podia-se começar a dar aula de tarde, mas de manhã não. Então, era de segunda de

---

<sup>1</sup> Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

<sup>2</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>3</sup> Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

<sup>4</sup> Escola de Educação Física

<sup>5</sup> Cleomar Antônio Pereira Lima

<sup>6</sup> Secretaria da Educação

tarde até sábado, a gente tinha, usava a piscina. E tinha que comprar produto, tinha que fazer o tratamento, o funcionário não sabia lidar com a piscina, a gente tinha que ensinar alguém para trabalhar. Mas a primeira coisa eu já tinha sido encarregado de deixar a piscina em condições de funcionamento. Quem é que dava aula ali? O professor Derick<sup>7</sup> e era eu e a professora Tony<sup>8</sup>, mas a Tony já não dava mais aula lá. Ela praticamente ficava só com a parte de danças lá. E depois ela se aposentou em 1960 e poucos, e aí o professor Derick e eu ficamos com toda a parte de desportos aquáticos. Nós dávamos aula de natação, de pólo aquático, de remo, tudo que se tratasse de água era com a gente.

L.D. – Que pena não tem mais essas disciplinas, nem pólo nem remo.

J.R. – Nem pólo nem remo, mas eu dava sempre noção para os alunos assim, de desportos olímpicos como saltos ornamentais. Eu fui saltador também. Então, eu tinha muita vivência nessa parte. E, paralelamente, além de ser professor da Escola, eu trabalhava em clube, era técnico de natação, mas isso era fora assim, do horário de funcionamento da Escola.

L.D. – Professor, como é que o senhor chegou na Escola, porque ser professor de educação física?

J.R. – Em primeiro lugar, a família tinha uma ideia: tem quer isso, tem ser aquilo. Então, eu tinha posto na minha cabeça que eu queria ser engenheiro, mas como eu saí do IPA<sup>9</sup> em 51 e em 52 eu fiz vestibular, não passei porque era muito difícil o vestibular. A procura era muito grande e não era um vestibularzinho assim marcado por cruzinha hoje. A prova era *puxadíssima*. E eu justamente baqueei no vestibular de matemática. O resto tinha passado. Então no próximo ano... Aí nesse meio tempo eu fui convocado para o CPOR<sup>10</sup> e aí o CPOR era estudo e etc, etc. Não dava para conciliar. O CPOR era muito cedo. O CPOR era barbada. Na minha época, eram dois anos de CPOR. Eu tinha que ir *cedíssimo* para o quartel. Aí, isso foi em 1953. Em 1953 eu fui convocado para servir no CPOR. Em 1954 eu já tava cursando o 2º ano no CPOR. Daí eu sofri um acidente no CPOR. Fiquei

---

<sup>7</sup> Derick Oscar Ely

<sup>8</sup> Antônia Seitz Petzhold

<sup>9</sup> Rede Metodista de Educação do Sul

<sup>10</sup> Centro de Preparação de Oficiais da Reserva

hospitalizado quarenta e poucos dias no hospital militar, com perfuração de pulmão. O acidente foi gravíssimo. Quase morri ali. Terminei o curso em 1954 mesmo e aí eu estava... Eu era atleta do União naquela época e meu técnico em natação disse assim: “Não, tu não vai fazer engenharia”. Eu estava me preparando para fazer arquitetura. Daí: “Não, tu não vai fazer engenharia não, nem arquitetura, tu não. Tu viveste uma vida inteira no esporte, teu campo é a natação. Vai, tira a Escola de Educação Física. Tu vai ser um cara muito bem sucedido”. Ele tinha sido meu técnico quando guri e ele era técnico do União. E eu então segui a... Mas como eu fui proibido de praticar esforço físico no ano de 1954 até dezembro, eu voltei a nadar de vagarzinho. E, em 1955, eu fiz vestibular e eu tirei o 1º lugar. Era prático e teórico. Aí eu tirei o 1º lugar e comecei a frequentar a Escola e eu era bancário naquele período.

L.D. - E os pais, teus pais ficaram?

J.R. – Não, o pai tinha o 1º grau...

L.D. – Queria o filho engenheiro e virou professor...

J.R. – Não, meu pai só tinha o 1º grau. E aí também: “Ah meu filho, tu segue o que tu achar melhor”. E, nesse meio tempo, o União, como aluno, me pegou como professor de natação. Comecei a trabalhar no União com natação já. Além de ser atleta, eu comecei a dar aula de natação. E muito estimulado pelo meu colega, o Derick “Não, vamos lá”. Comecei a trabalhar, mas como aluno ainda. Aí...

L.D. – Como aluno da Escola?

J.R. – Da Escola. Em 1955, eu estava no meu último ano, porque a Escola era em dois anos. Puxado, sete e meia da manhã. Aliás, sete e quinze da manhã lá no campo do Cruzeiro<sup>11</sup>, hoje onde é o Cemitério João XXIII<sup>12</sup>. Ali a Escola funcionava. Eu vinha do bairro São João<sup>13</sup> até ali no campo do Grêmio<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

<sup>12</sup> Cemitério Ecumênico João XXIII, fundado no dia 27 de abril de 1972.

<sup>13</sup> Bairro de Porto Alegre

<sup>14</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

L.D. – Acordava cinco da manhã...

J.R. – É. Saía cedíssimo. Era de bonde. Mas eu era bancário e nesse meio tempo como aluno. O professor Derick dava aula e ele me dava carona. Dava carona certo, até onde ele morava e dali eu pegava um bonde e ia para o serviço. Isso em 1955. Eu fui convocado para fazer um estágio no CPOR. Eu já estava, já era aspirante e me tocaram para Santa Maria<sup>15</sup>, mas, então, como eu era isento da freqüência, cada fim de semana eu pegava o trem e vinha para Porto Alegre<sup>16</sup>, vinha para a Escola lá no campo Cruzeiro. Pegava aquela parafernália de polígrafo e levava tudo junto. E levava e estudava, levava e estudava. No quartel me deram a incumbência de pegar a parte de educação física dos recos, dos praças. E o capitão disse “Não, você é aluno da Escola de Educação Física e você vai praticar dando aula”. Então, a parte de educação física lá no quartel era comigo. E isso me deu uma experiência *muito* grande e peguei aquela maneira do milico. Mas, foi um excelente... Terminou o meu período de estágio. Fiquei quatro meses, cinco meses em Santa Maria, praticamente, e vim para Porto Alegre para ter que fazer as provas finais. Eu não fiquei em nenhuma disciplina. Passei em *todas* elas. Meus colegas que eram da turma ficaram com dependência e eu passei em tudo. Isso foi em 55. Em 1956, eu já fui contrato pelo União como técnico e passei a trabalhar em escolas privadas também em 1956.

L.D. – Tinha uma cadeira, acho que era Cinesiologia. Que todo mundo dizia que era um...  
[riso]

J.R. – Dr. Ruy Gaspar Martins. Esse era o terror [riso]. O colega dele que era o [palavra inaudível]. Esse era excelente professor que todo mundo queria ter aula com ele porque com ele se aprendia e o Ruy Gaspar Martins chegou a reprovar até a mulher dele [risos]. E também, quando ela ficou sabendo do resultado, ela não foi dormir com ele [risos]. Mas o Ruy Gaspar Martins era diretor da Escola e era professor de Cinesiologia. Terrível, terrível.

L.D. – Todo mundo falava dele.

---

<sup>15</sup> Cidade do Rio Grande do Sul

<sup>16</sup> Capital do Rio Grande do Sul

J.R. – É. Tinha o professor Targa<sup>17</sup> que era de manhã. Ninguém podia chegar depois dele na aula. Ele fechava a porta e ninguém entrava. Mas assim foi e, em 1957, eu já fui convidado para trabalhar na universidade, no colégio aplicação. Em 1958, eu... Professor Fredolino Taube<sup>18</sup> foi o 1º coordenador da Escola depois da, digamos assim, da federalização. E o professor Fredolino me convidou para trabalhar no Julio de Castilhos<sup>19</sup>. Eu trabalhei no Julio de Castilhos até 1963. De 1958 a 1963, cinco anos como professor no Julinho. E aí, ele... Me convidaram para ser professor aqui, mas eu tive que me submeter a uma banca. A banca era o conselho, o CTA, Conselho Técnico Administrativo. Ele que dava a última palavra se o camarada entrava ou não entrava na Escola como professor. No CTA, claro, fui aprovado e era uma espécie de concurso. Aqui eu nunca digo assim, tem gente que entra pelos fundos. Fiquei frente a frente com os leões [riso] e aí eu comecei a trabalhar na Escola. Mas comecei a trabalhar lá na ACM<sup>20</sup>. E, da ACM, nós viemos para cá. E daí então, a Escola, por exemplo, a direção não queria saber aonde é que nós íamos dar aula. Mas tinha que dar aula. Então, o que a gente fazia? Como o professor Derick tinha alguma relação com o União e eu também como ex-atleta do clube - gozei de muito prestígio no União e tudo -, e a gente conseguiu as piscinas para se dar aula. Se dava aula na SOGIPA<sup>21</sup> também. Aí o professor Fredolino que, era o técnico de atletismo da SOGIPA, junto com a direção da sociedade, a gente ia quartas-feiras na SOGIPA. Então, combinava o que? Aula de tênis na SOGIPA, aula de atletismo na SOGIPA e natação na SOGIPA. Então, a gente ia um dia lá e *todas* as turmas tinham aula naquele dia. Então, era uma coisa assim bonita, esse entrosamento todo e a confecção dos horários tinha que ser *muito* bem feita, para poder conciliar tudo isso. Mas esse censo de organização assim, que foi marcando a gente. E nós tivemos excelentes professores aqui: professor Waldir Echart<sup>22</sup>, a esposa, a professora Olga<sup>23</sup>. Então, essa gente nos marcou muito.

L.D. – Isso tudo como professor ou como aluno o senhor estava passando?

J.R. – Isso já como professor.

---

<sup>17</sup> Jacintho Francisco Targa

<sup>18</sup> Fredolino Adalberto Ricardo Taube

<sup>19</sup> Colégio Estadual Júlio de Castilhos, fundado em 23 de março de 1900

<sup>20</sup> Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

<sup>21</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

<sup>22</sup> Waldir Calvet Echart

L.D. – E, como aluno, o senhor lembra de algum fato que marcou? Um dos alunos falou da Cinesiologia...

J.R. – Ah não. Eu tinha professores que eram algo assim, históricos. Por exemplo, o Coronel Sofia<sup>24</sup> dava História da Educação Física, mas eu não sei da onde que ele inventava aquelas historias [risos]. Então, ele dizia: “Não porque o Tarzan, não sei o que”. Mas eu dizia: “Mas coronel, isso é ficção coronel, isso não é historia. Isso é ficção. Tarzan não existiu. Existiu é [riso] no romance”. Eu disse assim para ele.

L.D. – O senhor falou para ele?

J.R. – Edgar Rice Burroughs<sup>25</sup>. Isso eu disse para ele mais tarde. Como professor, eu tinha que respeitá-lo. Mas tinha uns assim, o professor Targa dava Didática e Metodologia. Engolir aquilo, tinha que ser na base da decoreba. Tinha que decorar. Mas Anatomia era muito bem dada, Cinesiologia, Higiene. O professor Poli<sup>26</sup> que faleceu a pouco tempo, nos dava Higiene e que mais ele nos dava? Ele dava mais uma disciplina. Anatomia era o Mariante<sup>27</sup>. Não, o Ary Mariante dava Metabologia que é o chamado Nutrição. Nos tínhamos massagem que era dado pela professora Trude<sup>28</sup> e o professor Gabriel Pastor<sup>29</sup>. *Este* era uma figura, meu Deus do céu. Ele já não caminhava, ele se arrastava. Ele não levantava os pés. Ele vinha *num estado*, cheio de jornal nos bolsos. Ele já não tinha mais aquela noção assim, de higiene, de limpeza. Mas ele era um excelente profissional e, às vezes, ele nos dava aula na casa dele. O grupo era pequeno, então, ele não... Pela dificuldade dele caminhar - acho que era na Riachuelo<sup>30</sup> que ele morava -. Então a gente ia lá. Era meia dúzia de rapazes. Então, a gente tinha aula na casa dele. E a gente aprendeu. Dizia assim: “Vocês tem que ir de... Aonde é que é o centro ferroviário? Em Santa Maria? Então, se ali é centro ferroviário, então, vocês tem que fazer massagem em direção ao centro ferroviário” [risos]. Ele tinha as idéias assim, estranhas para explicar, mas tudo bem.

---

<sup>23</sup> Olga Valéria Kroeff Echart

<sup>24</sup> João Francisco Sofia

<sup>25</sup> Edgar Rice Burroughs, criador do Tarzan

<sup>26</sup> Poli Marcelino Espírito

<sup>27</sup> Cap. Dr. Ary da Costa Mariante

<sup>28</sup> Sujeito a confirmação

<sup>29</sup> Dr. Gabriel Pastor, professor de fisioterapia

<sup>30</sup> Rua de Porto Alegre

Voleibol quem nos dava era o professor [palavra inaudível], Futebol o Mendes Ribeiro<sup>31</sup>. Mas, antes do Mendes Ribeiro, era o professor [palavra inaudível] e Voleibol era o [palavra inaudível] mesmo, Basquetebol era o professor Waldir Echart. Então, a gente tinha assim... Natação era o Derick, a Tony e o professor Gaelzer<sup>32</sup> quando a gente tinha aula lá no União. O Gaelzer era outra figura folclórica [palavra inaudível]. Ele foi diretor da Escola no período em que ele... Aqui quando ele veio para cá e as aulas eram ali na Quintino Bocaiúva<sup>33</sup>, de natação. Eu me lembro dum livro que eu tenho sobre medicina e saúde onde, em 1971, eu estou dando aula aqui no Petrópole. Um *frio* e a gente olhava na borda da piscina e não enxergava o outro lado de tanta neblina que tinha. E sabe que horas era a nossa aula? Sete e quinze porque às nove horas, nove e pouca, a gente tinha que entregar a piscina para o clube. Claro, porque o pessoal ia para o clube já quente, mas a gente enfrentava aquela temperatura baixa.

L.D. – E os homens... As turmas eram separadas das mulheres? Como é que vocês faziam com os namoros?

J.R. – As turmas eram masculinas e femininas. Então, quando a Tony se aposentou, quem pegou as turmas femininas fui eu. Eu peguei as turmas femininas e o professor Derick pegava as turmas masculinas. E aí nós... Eu disse assim: “Vamos fazer uma experiência? Vamos fazer turma mista? Vamos ver como é que fica?”. Ele ficou meio assim. Daí, começamos a trabalhar com as meninas e os rapazes, porque, em primeiro lugar, eles começaram aprender a respeitar as meninas e vice-versa. E começaram as misturas as turmas. O professor dava aula... Algumas disciplinas não conseguiram ainda conciliar bem isso aí, porque tinha professores específicos para o sexo masculino e feminino. O clube do bolinha. Mas depois... Hoje vocês estão vendo, as aulas são todas... As aulas de natação masculino e feminino. Não tem. Acabou-se aquela divisão.

L.D. - E o senhor se lembra de algum episódio que o senhor... Algum colega seu querendo namorar alguém da turma feminina, e como é que fazia?

J.R. – Mas muitos casamentos saíram daqui de dentro. Muito casamento.

---

<sup>31</sup> Antonio Carlos Beck Mendes Ribeiro

<sup>32</sup> Frederico Guilherme Gaelzer

L.D. – Mas como se as turma eram todas separadas?

J.R. – Mas dava um jeito [risos]. Quando que se quer, a gente vai atrás. Não tem dúvida nenhuma.

L.D. – Eram em horários diferentes ou era mesmo horário só que separados?

J.R. – Não, mesmo horário. Porque as aulas, por exemplo, senão me engano, as aulas teóricas eram mistas, as aulas práticas que eram separadas. Porque tinha professor específico de Voleibol feminino, Basquetebol feminino. A professora Nilza<sup>34</sup>, por exemplo, dava Basquete para as meninas e quem dava Basquete para os homens era o professor Waldir Echart. Quem dava Voleibol para as meninas era a professora Olga. E assim ia. Tinha... Natação tinha diferenças também.

L.D. – E, quando o senhor assumiu a turma das meninas, foi difícil assim?

J.R. – Não.

L.D. – “Sem choro, vamos lá gente”.

J.R. – Não, elas... Várias vezes as meninas eram mais corajosas que os rapazes. Elas agüentavam mais o frio do que eles. Eles eram uns chorões [riso]. Eles tomavam os tragos deles e iam. Porque imagina, o vestiário era aqui e o feminino na ponta de cá onde está o xerox e o dos rapazes era lá na outra ponta onde é hoje a direção. Então, esse corredor aqui era um *frio*, tudo aberto. Quando a piscina foi construída aqui, foi cercado com tela para evitar que a gurizada pulasse. Arame farpado em cima. Mas eles cortavam a tela e, seguidamente, a gente encontrava na segunda-feira a piscina assim, tão mau estado que tu não podia usá-la. Tu tinhas que esvaziar a piscina e aí botar água limpa de novo e pronto. Porque a gurizada era terrível aqui no bairro. Aqui tinha em baixo o clube Dinamite<sup>35</sup> que era um... Aqui tinha vários campos de futebol. Senão me engano, eram quatro ou cinco campos de futebol e fim de semana era um *inferno* isso aqui. Isso, como era do estado,

---

<sup>33</sup> Rua de Porto Alegre

<sup>34</sup> Nilza Endress Vianna

todo mundo invadia. Até a gente conseguir cercar a área. Conseguimos cercar a área. A definição da área aqui foi um parto sem dor também. Aliás, com muita dor até. Parto sem dor, não. Mas isso aqui era um... Olha, quem conheceu essa área aqui. Tinha o que? Uma pistinha de 150m aqui em baixo de carvão, tinha umas três quadras de tênis de saibro aqui em baixo, tinha duas de basquete, duas de vôlei de saibro e o ginásio. Esse ginásio aqui era desde o início. O pavilhão aqui também. O resto era um campo de futebol, vários campos de futebol. Um *banhado*. Aí um professor teve a idéia de fazer uma raia de remo aqui. Abriu... Vieram máquinas do estado aqui. Abriu um buracão que vinha lá dos eucaliptos até a ponta de cá. Abriu um *buracão*. “Não, como tem 3 córregos, nós vamos encher isso aqui com água e vamos fazer aula de remo aqui”. Essa zona aqui tão baixa como era... Plantação de agrião era tudo que é canto. Ainda deve ter um resquício aqui do outro lado da rua ali... Plantação de agrião. Não tem casa nenhuma construída ali. Aquilo ali foi um caos. E aí, em 1960...

L.D. – Mas não construíram? Desistiram?

J.R. – Não, ficou só o buraco e começou a encher de água e *mosquito*, *mosquito* que tinha aqui era um horror. Esses córregos que descem lá da Cristiano Fischer<sup>36</sup>, atravessa aqui o Jardim Botânico<sup>37</sup>. São três valões que se reuniam aqui. Um que vinha aqui, outro vinha lá de cima e outro vinha lá de cima. Então, isso foi em 1968 quando a Escola passou para... Aí, em 1968, 1969. Em 1969 foi criado o Centro Olímpico<sup>38</sup>. Não. É, em 1969, 1970. Aí em 1971, como eu era já professor na Escola e em 1968 a Escola passou a ser federal, federalizada<sup>39</sup>, eu já nessa altura, já tinha dois cargos federais, o do Aplicação<sup>40</sup> 1º e 2º grau, desde 1957 e a Escola desde 1968. Mas então, em 1971, eu assumi a direção do Centro Olímpico, primeiro como coordenador e o Centro Olímpico começou a funcionar lá na Reitoria, não veio para cá. Então, a gente começou a planejar. Claro, na época o professor Fredolino era o coordenador, até ser nomeado o primeiro diretor da Escola. O professor Fredolino me convidou, o doutor Licht<sup>41</sup>, Henrique Licht. Como o doutor

---

<sup>35</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>36</sup> Rua de Porto Alegre

<sup>37</sup> Jardim Botânico de Porto Alegre, aberto ao público em 1958

<sup>38</sup> Órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS

<sup>39</sup> Após a federalização em 1969, a ESEF passa do Estado para o Governo Federal

<sup>40</sup> Colégio de Aplicação - Escola de Ensino Fundamental e Médio da UFRGS

<sup>41</sup> Henrique Felipe Bonnet Licht

Henrique Licht era o coordenador do Centro Olímpico anterior... Ele foi de 1968... Não. 1969, 1970. Ele ficou como coordenador. Isso foi na época do Reitor Faraco<sup>42</sup>, Eduardo Faraco. Em julho de 1971, bem no meu aniversário, eu fui nomeado coordenador do Centro Olímpico.

L.D. – Olha o presentão hein?

J.R. – É. Eu recebi até... Eu tenho o ato do Reitor. E passei toda minha carga horária do Colégio Aplicação para o Centro Olímpico e a minha carga horária da Escola, Dedicção Exclusiva. Então, eu morava aqui dentro, praticamente. Aí nós começamos, junto com a PROPLAN<sup>43</sup>, era a TEPLAM<sup>44</sup>, senão me engano. Tinha um escritório no segundo andar aonde era o salão de atos, salão de festas. Ali funcionava. Então, a gente começou a se reunir ali e planejando toda a parte do campus esportivo aqui: piscina, pista, quadras, enfim, tudo.

L.D. – Para montar aqui?

J.R. – É. Montar o campus esportivo. Começamos a montar. E começamos a trabalhar ali. Fiquei seis meses lá na Reitoria. Tinha uma salinha só para nós. Doutor Licht e eu trabalhamos. Em dois. O Reitor tinha interesse que nós também assumíssemos a parte do esporte universitário. Como a Associação Atlética<sup>45</sup> da Universidade<sup>46</sup> estava assim muito mal, ele disse assim: “Olha, vocês vão ter que assumir porque a gente está dando verba para eles e não estão sabendo administrar esse recurso. Então, vocês vão, além de orientar, vão fiscalizar”. Então, a Universidade alugou uma casa na Venâncio Aires<sup>47</sup> bem pertinho do Colégio Militar<sup>48</sup> ali. Então a gente... Aquela, o andar de baixo a gente ocupava e a parte de cima ficava para a Associação. Eles botaram um funcionário para cuidar. Era a esposa dele e ele. Eles tinham um filho, senão me engano, um deficiente.

---

<sup>42</sup> Eduardo Zaccaro Faraco

<sup>43</sup> Pró-Reitoria de Planejamento e Administração

<sup>44</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>45</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>46</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

<sup>47</sup> Rua de Porto Alegre

L.D. – Quem?

J.R. – Ele morou depois aqui. Um tempo comigo aqui no Centro Olímpico.

L.D. – Toledo<sup>49</sup> o nome dele?

J.R. – Não. Ele era servente e ficou bastante tempo com a gente. Depois nós ficamos um ano e pouco lá. Aí o seu Aníbal<sup>50</sup> que, morava aqui numa casa de madeira, ficava bem aqui onde está essas salas de musculação agora. Tinha uma casa de madeira. Como ele faleceu, exigiram a casa e “Olha, quem sabe nós vamos ocupar aquela casa como Centro Olímpico? Nós vamos para lá, a gente está perto”. Daí o Reitor aceitou e viemos para cá. Nesse meio tempo, em 1971, quando eu fui, concorri em julho, aliás, em fins de 71, senão me engano, a direção da Escola. Concorri com o professor Targa. Aí o professor Targa passou a ser diretor e eu fui o vice-diretor. Quatro anos eu fui o vice-diretor. E claro, a gente foi fazendo o trabalho da gente: planejando, planejando. Começamos em 1971. Em 1972 nós levamos o projeto da pista e da piscina para Brasília<sup>51</sup>. E aí...

L.D. – Só em 1972 então...

J.R. – A pista foi construída, senão me engano, em 1972.

L.D. – Tri tarde...

J.R. – Conseguimos o recurso. A pista sim. E primeiro a pista era para ser lá em cima, lá onde é que está a piscina e a piscina aqui neste canto. Mas quando começaram a ver que o trabalho de infra-estrutura seria muito grande... Nesse meio tempo de 1971, 1972, a gente começou a dar uma definição na área. Aí se fizeram o planejamento todo. Vocês estão vendo que esta área é toda cheia de platôs. E com o buraco feito aquele ali... Aí eu disse para o doutor Licht: “Olha doutor, só temos uma solução. Vamos abrir aquela cerca ali e

---

<sup>48</sup> Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), criado pelo Decreto nº 9.397, de 28 de fevereiro de 1912

<sup>49</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>50</sup> Annibal Theóphilo Florindo da Silva

<sup>51</sup> Capital do Brasil

vamos botar placas enormes: ‘aceita-se aterros’”. E que *entrava* de caminhão. E *bota* aterro, *bota* aterro. Enchemos o buraco. “E agora? Não tem máquina para trabalhar esse aterro todo, terraplanar isso aí”. E eu disse para ele: “Deixa comigo que eu dou um jeito”. Então, como eu tinha... Fiquei sabendo que um colega meu do CPOR era engenheiro da SMOV<sup>52</sup> aqui em cima. [palavra inaudível] “Eu preciso duma mão tua. Olha, eu estou recebendo aterro, assim, assim, assim. Nós estamos definindo já os níveis da área assim. Dá para ti dar uma escapada, botar uma maquina lá, um tratorzinho lá?”. Aí ele começou a trabalhar lá. Trabalhar, trabalhar. E foi empurrando o aterro. Foi indo. Tinha dias que o cara [palavra inaudível] quatro, três, quatro horas da tarde vinha o tratorzinho para cá e começava a trabalhar até de tardezinha. Então, isso não custou um tostão para a Universidade. Aí quando se definiu onde seria realmente a pista...

[FINAL DA FITA 67/01 - A]

J.R. – Máquinas [palavra inaudível] é uma que, ela recolhe a terra, enche a caçamba, corre um determinado trecho e larga num outro lugar. Ela se abre, larga e já nivela. E ele disse assim: “Até posso te conseguir, só que essas máquinas estão em Santa Maria. Mas não, vai precisar de duas. Eu conheço a área lá da ESEF<sup>53</sup>. Eu preciso de duas, mas tem um detalhe: essas máquinas tem que vir de Santa Maria”. “Tudo bem, olha aqui, o tempo que vocês [palavra inaudível], mas tu me conseguindo ótimo”. Então, fui a Esteio<sup>54</sup>. Quantas viagens eu fiz para Esteio do meu bolso, gastando o *meu* combustível, o *meu* carro. Fui lá na sede do DAER<sup>55</sup> em Esteio e ele me conseguiu as duas máquinas. “Só um detalhe: a Universidade vai ter que dar pousada para o operador, para os operadores e o combustível”. E agora? A Universidade está sempre aqui ó. Aí eu falei com o Reitor: “Reitor, o negócio é assim, assim, assim. Olha não vai sair. Assim, a Universidade não vai precisar pagar o equipamento. Só a Universidade terá que dar combustível e alimentação e a pousada”. Aí eu consegui aqui um local para os dois operadores ficarem. Pedi para o RU<sup>56</sup> trazer a refeição aqui. Vinha uma Kombi e trazia comida para os dois aqui, café. Sem gastar um tostão assim. E eles trabalharam não sei quantos meses aqui e no Natal, nós

<sup>52</sup> Secretaria Municipal de Obras e Viação

<sup>53</sup> Escola de Educação Física

<sup>54</sup> Cidade do Rio Grande do Sul

<sup>55</sup> Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem

<sup>56</sup> Restaurante Universitário

estávamos praticamente com toda a terraplanagem pronta. Aí a prefeitura tinha que fazer um saneamento aqui pela área. Eles estavam fazendo já... Era uma queixa muito grande com essa canalização aqui até onde é o Bourbon<sup>57</sup> hoje. Tem uma galeria que passa aqui. Então, nós conseguimos com a prefeitura *sem* ônus para a Universidade. Se deu permissão para a prefeitura fazer toda essa canalização. Aí atravessa a pista de atletismo uma tubulação, parece que de um metro e vinte, vinte e tanto. Atravessa aqui e desemboca na galeria. Tem a outra, a tubulação que vinha até ali aonde é que estão os eucaliptos e dos eucaliptos para cá assim vem a galeria que vai até o Ipiranga<sup>58</sup>. E atravessou tudo isso aqui. Uma obra assim, enorme. Nós acompanhamos de perto. O que *foi* enterrado de dinheiro, porque essa infra-estrutura tu não enxerga, está enterrado. Então, *toda* essa rede foi feita assim. Então, nós resolvemos um problema *enorme* aqui na área com essa canalização. Bom, e aí fui a Brasília para buscar verba para piscina. Consegui a verba toda, praticamente. Deram *tudo* o dinheiro. Mas a concorrência pública é fogo. Então, sempre dá problema. Aí a piscina... A verba que mandaram para a piscina deu para construir o esqueleto, de *tanto* que demorou. Teve aquela alta do *ferro*, teve a alta do *cimento* e aí o dinheiro era... Não tinha reforço. Então, quando chegou num ponto, a piscina ficou *parada* assim. Parece que um ano, quase dois anos ela ficou parada *só* com os esqueletos. E eu acompanhei aquela obra da piscina desde a primeira estaca. São 360 estacas que tem aquela piscina e tem trechos ali, senão me engano, que a estaca vai a quatorze, dezoito metros de profundidade. Bom, e a pista nesse meio tempo ficou pronta. Inauguramos a pista, fizemos uma competição de porte. Competições universitárias e tudo. Fizemos uma festa. Mas, como a área era muito vulnerável, o pessoal aqui da redondeza começou a invadir. Aí já não controlavam... A gente tinha pouco funcionário. Então, eu botei para cuidar da pista assim, bolsistas do Centro Olímpico. Convenci o Reitor: “Olha, vamos ter que fazer assim: vamos pegar uns alunos da Escola e eles vão ficar orientando a pista e eles vão dando orientação assim, que tipo de sapato tem que usar, de prego para usar a pista”. Mas, mesmo assim, vinha uns caras com um sapato de 12 mm, quando deveria usar a metade. Eles começaram a arrancar, com o sapato de prego, a resina. Bom, cinco anos passados, a pista ficou pronta em si. Mas a estrutura dela, vamos dizer assim, caixa de saltos, areia, os porta salto com vara, os tipos [palavra inaudível], enfim, todo o implemento do estádio, o Centro Olímpico bancou. *Tudo*, tudo. Com verba toda. Eu tive a

---

<sup>57</sup> Shopping Bourbon Ipiranga

<sup>58</sup> Arroio Ipiranga

felicidade de fazer um orçamento para o Centro Olímpico *muito* bom. Eu sempre previa assim: “Preciso...” e botava no papel. Quando chegava na hora de discutir o orçamento, eu ia junto. Eu ia lá porque o diretor da Escola não conseguiu fazer isso, que foi o professor Milthon Cunha<sup>59</sup>. Ele se preocupava mais com outras coisinhas, com picuinhas e tal... Só com a previsão que eu fiz assim, orçamentária foi *muito*, muito boa. A tal ponto que o Centro Olímpico nunca teve dificuldade de dinheiro, nunca. E, quando a piscina ficou pronta, eu fiz programas de natação. Chegava a ter mil pessoas nadando. Mil pessoas usando a piscina. E isso me dava uma arrecadação muito boa e eu cobrava R\$20,00 por mês apenas. Esse dinheiro era tudo canalizado e passado para o Centro. E o Centro então investia em que? Em melhorias. A piscina eu recebi *crua*. Eu pintei a piscina. Eu *aqueci* a piscina. Tudo. A gente aqueceu a piscina tudo com recurso próprio. Com recurso próprio. Convenci o Pró-Reitor: “Professor, o senhor me adianta um recurso da Reitoria aqui assim que em dezembro eu lhe devolvo o dinheiro”, “mas como é que tu vai fazer?”, “deixa comigo”. Então, eu comecei a abrir os programas de natação e a gente conseguiu aquecer a piscina para as primeiras... Quem era o beneficiado? A Escola. Essa estrutura toda que o Centro Olímpico montou aqui era para, em benefício da Escola. A gente queria montar aqui o *melhor* centro desportivo assim do sul do país. A gente quase conseguiu. Aí a piscina começou a ser a galinha dos ovos de ouro. Fonte de renda. Só para vocês terem idéia: eu só perdi para duas unidades da Universidade em termos de arrecadação, vocês não acreditam, CPD<sup>60</sup> e o IPH<sup>61</sup>. CPD por prestar serviços para terceiros e continua sendo um dos órgãos assim, de maior arrecadação da Universidade. E o IPH pelos convênios que eles têm no exterior. O pessoal me dizia que eu era visionário e tal. Que eu assim... Eu trabalhei muito aqui. Perdi meus cabelos aqui. Mas valeu a pena, eu *não* me arrependo.

L.D. – Chegou a trabalhar nos projetos também de natação?

J.R. – Os projetos de natação quem instituiu fui eu. Eu era professor da cadeira. A prática de ensino eu botava os alunos da Escola para trabalhar. Eu pagava para eles. Eles recebiam bolsa *paga*. Porque o Centro Olímpico, ele era vinculado a Reitoria direto. *Essa* que era a vantagem. Eu tinha uma entrada na Reitoria incrível. A tal ponto que eu fiquei como diretor do Centro Olímpico quase vinte anos. Incrível, não é? Com o Faraco. Depois o

---

<sup>59</sup> Milthon Jose Cunha

<sup>60</sup> Centro de Processamento de Dados, criado em 1966

Jobim<sup>62</sup>, o Ivo Wolff<sup>63</sup>. Só aí foram 12 anos praticamente. Depois o professor Macarthy<sup>64</sup>. Aí o professor Ferraz<sup>65</sup> e assim fui. Claro, me tiraram. Depois me *chamaram* de volta e assim foi.

L.D. – Não dava certo sem... [riso].

J.R. – Aí eu ocupei muitos cargos administrativos dentro desta Universidade. Eu fui diretor tutelar. Quando o professor Cassel<sup>66</sup>... Esse fato eu não me esqueço. Até o Cassel tinha assim... Politicamente, a gente tinha alguma divergências. Ele era do PT<sup>67</sup> e tal. E eu não era. Eu sempre fui apolítico. Eu não me metia. Eu achava que eu tinha mais o que me preocupar com outras coisas que política. Eu sei que um dia, já, agora no fim da minha carreira, o professor Cassel assumiu a Pró-Reitoria da Comunidade Universitária<sup>68</sup>. Daí ele disse assim: “O Werner, eu... Se eu te convidasse para trabalhar comigo, tu virias?”, “olha, eu até me sinto...” - o Cassel foi meu aluno - “é uma honra para mim, trabalhar”. Aí ele foi criticado: “Mas tu vê! Ele tem divergências políticas contigo e tu convida ele”. Isso me marcou muito. “Nós podemos ter divergências políticas, mas em termos de trabalho... Eu estou pensando nele em termos de organização e trabalho. Eu quero. Se ele aceitar, eu quero que ele trabalhe comigo”. Então, enquanto o Cassel ficou na Pró-Reitoria - ele ficou dois anos ou três anos - o Cassel teve um problema cardíaco e eu até cheguei a ter o cargo de Pró-reitor. Eu assumi no lugar dele lá. Toda vez que o Cassel viaja: “Olha, tu vai ficar no meu lugar”. Ele tinha muita confiança em mim. E nós reacendemos o desporto universitário. Porque estava morto. A tal ponto que a gente fez jogos universitários sem dinheiro. Primeiro duzentos ou trezentos atletas. No segundo ano, nós conseguimos a seiscentos atletas. No terceiro ano, nós já estávamos em mil e duzentos atletas e assim foi crescendo, sem recurso. Como a gente fazia? A gente fazia uma parceria com as casas que trabalhavam com material esportivo: “Olha, em troca de propaganda, assim, assim, assim, nós vamos fazer cartazes e vamos botar a empresa”. Bom, aí vinha. Não davam o dinheiro. Mas nos davam o que? Material esportivo. A Escola tinha um ginásio e não conseguiam o

---

<sup>61</sup> Instituto de Pesquisas Hidráulicas

<sup>62</sup> Homero Só Jobim

<sup>63</sup> Ivo Wolff

<sup>64</sup> Earle Diniz Macarthy Moreira

<sup>65</sup> Francisco Luis dos Santos Ferraz

<sup>66</sup> Mário César Cassel

<sup>67</sup> Partido dos Trabalhadores

ginásio da Escola para fazer jogos. Não conseguia. Então, o que eu fiz? Fiz parceria com a Brigada<sup>69</sup>. A Brigada aqui nas bananeiras ia nos emprestar o ginásio e as instalações e “Vamos fazer o seguinte: tu me paga...”, “não, nós vamos pagar o aluguel das instalações. Eu tenho recurso”, “não, nós vamos fazer o seguinte: se o dinheiro vier, ele vai cair na vala comum e eu não vou poder mexer nisso aí e nós aqui na Brigada não vamos sentir *nenhum* cheirinho de material”. “Então, vamos fazer o seguinte: *todo* o material da competição desportiva eu te passo. Terminado os jogos são teus, redes, bolas...”. Enfim, tudo que era preciso assim para... As redes de futebol de salão, bolas de futebol de salão, voleibol, basquete, tudo a gente doou para eles. E a gente fez dois anos assim. E até com [palavra inaudível] eu consegui duas bicicletas aquelas, mountainbike, aquelas. Consegui com a direção da [palavra inaudível]. “Olha, vocês podem colaborar? Vamos fazer o seguinte, vamos fazer um sorteio entre os universitários”. Foi uma festa. *Enchemos* esse ginásio aqui e na hora do sorteio, fizemos o sorteio. Uma bicicleta *toda* equipada. Valia um *dinheirão* uma bicicleta daquelas. E aquilo foi... Marcou muito. E depois, claro, existe uma política muito grande aí acabaram com o Departamento de Saúde e Lazer da Universidade. Acabaram com a Superintendência de [palavra inaudível], a Pró-Reitoria, acabaram. Quem assumiu a Pró-Reitoria foi o Recursos Humanos. Uma política que... A diretora do Recursos Humanos queria ser Pró-Reitora a todo ponto. Quando eu assumi, eu fiquei três meses como Pró-Reitor e a gente seguiu. E eu recebi um recado assim: “Olha professor, o senhor tem férias vencidas. O senhor tem que tirar férias. O senhor não pode acumular férias”. Bom, se tem que tirar férias, é de lei, então, vamos tirar. Quando eu voltei, não tinha mais. Mas é claro, foi... Aí eu voltei e isso aqui eu vi o que é que se chama rasteira. Em outubro, eu era o diretor também das Colônias de Férias<sup>70</sup> da UFRGS. Tudo isso... Eu conseguia conciliar. Praticamente férias para mim era um problema. Porque, quando eu deveria tirar férias, estava lá nas Colônias de Férias dirigindo, organizando o grupo de pessoas para trabalhar na colônia. Eu tinha uma equipe que funcionava. O Mike<sup>71</sup> foi muito tempo meu secretário no Centro Olímpico. Guri *bom* aquele. Ele era meu secretário [palavra inaudível]. A gente organizava toda a distribuição do pessoal para as colônias, as turmas, alimentação, fornecedores, tudo. As licitações passavam tudo por *mim*. Fornecimento de alimentação para a colônia. Era um trabalho. Mas *nunca* tivemos

---

<sup>68</sup> Pró-Reitoria da Comunidade Universitária - PRUNI

<sup>69</sup> Brigada Militar de Porto Alegre

<sup>70</sup> Colônias realizadas na praia de Tramandaí no período das férias escolares

<sup>71</sup> Nome sujeito a confirmação

problemas. *Sempre* naquilo: “É assim? É assim”. E pronto. Aí, com outubro, a Pró-Reitora disse para mim assim: “Pois é, nós vamos começar um novo período agora de Colônias de Férias e tu vai assumir esta parte de novo. Mas tu vai organizando as coisas tudo direitinho”. Aí alguém lá de dentro da Reitoria disse assim: “Tu abre o olho com essa mulher” - E lá de cima. Era gente que ocupava um cargo elevado. Eu me dava muito bem com toda a turma lá - “tu abre o olho. No momento que tu passar *tudo* para ela, ela vai te dar um chute”, “ah é? Ah o negócio é assim? Muito bem”. Quando chegou em outubro, quando *ia* começar, peguei minha cartinha, entreguei para a senhora: “Pró-Reitora, está aqui o meu pedido, estou voltando para a ESEF com a carga total”. Eu já dava aula porque uma das coisas que eu sempre dizia para o professor Cassel: “Não me tira das aulas. Eu quero continuar dando minhas aulas”. Então, eu dava minhas aulas e Reitoria. E assim fazia. Olha, foi uma coisa *muito* bem pensada porque eu preparei minha aposentadoria. Eu já tinha cargo acumulado como diretor. Eu podia me aposentar como diretor de unidade tranquilamente. E foi o que fiz. Quando chegou na hora de me aposentar, eu tive uma aposentadoria... Eu não posso me queixar. Sabe o que é a gente preparar uma aposentadoria? Foi o que eu fiz. A gente sempre tem que usar a cabeça.

L.D. – Antes de assumir o período da colônia tu deu, pediu a volta e ela...

J.R. – Ela ficou *apavorada* “Mas e agora?!”. Eu disse: “Não, não. Eu estou passado. Eu acho que estou na hora de simplesmente ficar com minhas aulas só. Eu já estou com uma certa idade e não... Chega de preocupações”. Mas o grande golpe mesmo da minha vida profissional foi a minha ida para Alemanha. Eu fui como professor convidado pela Universidade de Colônia<sup>72</sup>. Eu tive a chance de conhecer o Pró-Reitor de Colônia em Curitiba<sup>73</sup> quando eu fiz um curso de natação em 1984, senão me engano. Depois eu fiz, em 1988, outro curso com ele e aconteceu que em 1990, 1991 na Alemanha, aconteceu um acidente com o professor de natação lá e ele se envolveu seriamente em um acidente automobilístico e acabou matando gente. Ele se quebrou também, parece que perdeu esposa. E ele estava todo... Enquanto ele estivesse respondendo processo não poderia lecionar. Era proibido. E eles ficaram assim, muito preocupados na Universidade de Colônia. Não tinham professor. Aliás, eles tinham num ano, convidado um professor de

<sup>72</sup> Universidade localizada na cidade de Colônia na Alemanha

<sup>73</sup> Cidade brasileira

Israel e não deu certo. Os alunos se queixaram *muito* do professor. Ele não era comunicativo. Era difícil. E, como ele não falava em alemão, ele falava só em inglês. E para os alunos foi assim, bastante difícil. Então, recebi do Kurt Wilke<sup>74</sup> esse convite. Veio para cá, para a Reitoria e a Reitoria mandou para a Escola. Olha, que foi uma decisão *rapidíssima*. Isso foi em outubro de 91. Aí foi submetido aqui ao conselho da Escola a ida de quem... Foi aberto isso a vários professores. Mas o único professor de natação na época era eu. E tinha a Beth<sup>75</sup> do tênis, a esposa do Carioca<sup>76</sup> e o Carioca. Mas o Carioca naquele meio tempo se aposentou. E começou aquela corrida das aposentadorias em função do Fernando Henrique<sup>77</sup>, coisa assim. E o Carioca se aposentou e, quando o Carioca se apresentou para ir, disseram que ele como professor aposentado não podia. Ele não podia assumir. Então a Beth foi comigo e o Carioca foi junto. Mas ele foi mais como turista. E a gente foi para a Alemanha, senão me engano, em início de março, fim de fevereiro de 1992. Aí nós fomos em março, fins de março, nós já estávamos na Alemanha. Tudo acertado. Nós tivemos que alugar um apartamento. A passagem foi custeada pelo nosso próprio bolso, isso aí, mil e duzentos dólares, ida e volta. Já não era muito barato, mas o dinheiro na época ainda valia alguma coisa. Então, pelo menos... Fiz um pouquinho de ginástica ali para conseguir. Conseguimos e fui apresentado aos alunos. Eu peguei, senão me engano, *quatro* turmas de natação lá. E a gente, claro, a gente recebeu assim, a programação toda. Nunca estudei tanto na minha vida como naquele período. Eu tinha que preparar tudo em alemão.

L.D. – Mas o senhor já tinha uma noção?

J.R. – Não, claro. Eu falava alemão, mas o meu alemão não era assim tão elevado. Mas eu levei muita bibliografia em alemão e fui preparando e comecei a dar minhas aulas. A metodologia usada aqui eu usei... Eu perguntei para eles: “Kurt, posso usar o meu sistema de trabalho?”, “à vontade” ele disse assim. O curioso é que eles tinham vários professores de natação, mas como as turmas eram muitas, eles não conseguiam fechar. Aí o método usado por mim aqui, eles começaram a olhar, olhar, olhar e, como a gente tinha uma

---

<sup>74</sup> Kurt Wilke, professor alemão

<sup>75</sup> Elisabeth de Oliveira

<sup>76</sup> Paulo Gilberto de Oliveira

<sup>77</sup> Refere-se ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Entretanto, o presidente na época era o Fernando Collor de Mello.

reunião por semana, a gente trocava idéia. Ficaram assim: “Mas como é que tu consegue?”, “assim, assim, assim, assim, assim”. Fui indo. Eu dava aula teórica, dava prática e assim ia indo. E eu falava alemão. E eu dizia: “Olha aqui, se eu cometer falhas na língua de vocês, vocês tem plena liberdade de me corrigir. Vocês estão aprendendo conteúdo técnico e eu estou aprendendo como falar em alemão de forma correta. Vocês têm plena liberdade, de fazer... Agora, o que eu quero nas minhas aulas? Eu conheço muito bem a disciplina germânica. Vou pedir para vocês a mesma coisa. O respeito, eu como professor e eu vou respeitar vocês como alunos também. Mas vamos dialogar bastante, vamos conversar bastante. Dúvidas, eu estarei sempre a disposição de vocês”. E pronto. Olha, a coisa foi assim... Terminamos o trabalho no semestre, foi até fins de julho. Numa “paulera” daquelas, mas muito bem trabalhado. Ótimo. Bom, terminado eu voltei. Eu deveria voltar até fim de agosto, mas voltei início de setembro. Tive que recuperar as aulas depois aqui porque estavam os alunos me esperando. Aquele semestre a nataçãõ não foi dada porque eu estava fora. Não foi oferecida. Voltei e, mês depois, veio uma carta do Reitor da Universidade de Colônia elogiando meu trabalho. E aí, quem era o Reitor na época aqui era o professor Dick<sup>78</sup>. O professor Dick me chamou no gabinete lá. Disse: “Olha...” - até eu me lembro muito bem porque ele disse assim - “professores assim do teu quilate, a Universidade precisa. Eu tenho uma carta para ti aqui do Reitor da Alemanha que te *rasga* elogios até não poder mais”, “olha, eu até fico muito contente de ter feito uma coisa que se chama missão cumprida. Acho que eu fiz uma coisa que eu também... Era minha obrigação. Eu era um professor representante desta Universidade lá. Eu não podia fazer feio. Eu tinha que fazer realmente um trabalho a altura. E eu fico muito contente por ter sido reconhecido isso”. Depois eu recebi uma menção honrosa na Reitoria e tudo. Eu tenho, “Professor Emérito da Universidade”, depois dado pelo professor, o Reitor, como é o? [palavra inaudível]. Ele é, ocupa hoje um cargo no MEC<sup>79</sup> agora aí. Ele me deu um diploma naquilo ali. Eu sou o único professor da Escola que tem um título do Estado. Chama-se “Professor Benemérito do Desporto Escolar”. Público. E isso assim me deixa muito contente. Porque eu acho que, dentro da minha vida profissional assim, como professor universitário, eu me sinto super bem realizado. Eu tenho... Eu escrevi livros. Tenho cinco livros, quatro ou cinco livros editados, que é minha tese. Depois tem aquele, a Nataçãõ na sua Expressão Psicomotriz. Eu tenho Exercícios e Habilidades Aquáticas e

---

<sup>78</sup> Tuiskon Dick

<sup>79</sup> Ministério da Educação

tenho este último que eu escrevi que quero deixar com vocês aqui, é o Ensino da Natação para Pessoas Portadoras de Deficiências. Deu trabalho para fazer, mas... E agora eu terminei o outro para ser editado aí que é a Natação na sua Expressão Psicomotriz voltados para a Terceira Idade. E está prontinho. Estou fazendo uma revisãozinha final aí. Quero ver quem é que pode me editá-lo por um preço razoável. O penúltimo eu consegui patrocínio. Agora este aí eu acho que vou ter que desembolsar.

L.D. – A editora da Universidade não faz isso, será?

J.R. – É, mas é muito... O primeiro livro...

L.D. – Burocracia.

J.R. – O primeiro livro que eu escrevi, ele *demorou, demorou*. Esgotou o livro. Aí eles “Pois é, vai demorar um tanto assim”. Aí eu larguei na Sagra<sup>80</sup>. A Sagra fez a 2ª edição. Foi esgotado. Fez a 3ª edição. Esgotou-se também. E aí eu disse: “Não, tenho que modificar esse livro. Não adianta mantê-lo assim como ele está”. Daí eu canalizei uma *série* de coisas assim, a parte *fundamental* daquele livro, para este agora da terceira idade. Mas vamos ver. Então essa, vamos dizer assim...

L.D. – História...

J.R. – A minha história praticamente. E uma das coisas que eu já comecei a fazer, mesmo no período como professor, é que eu voltei a competir. Voltei a competir como *máster*. Eu vinha competindo já há uns dez anos mais ou menos. A última competição foi da PUC<sup>81</sup> agora, o sul brasileiro. É, foi, digamos assim, a programação oficial da inauguração da piscina da PUC. É uma excelente piscina. O prédio. Uma calefação extraordinária. O que *falta* nesta piscina aqui é uma calefação. Ela tem todo o equipamento. Falta instalar os motores para aquecer o ambiente. Isso a gente não conseguiu na época. Deixamos toda ela pronta. Falta agora o equipamento. Teria que mexer um pouquinho na estrutura. Eu estou vendo a piscina. Eu tenho nadado nela assim. Ta faltando conservação. Só estão tirando

---

<sup>80</sup> Editora Sagra Luzzatto S/A

<sup>81</sup> Pontifícia Universidade Católica

dinheiro e não estão botando nela. E isso aí... Olha, essa piscina vai fechar agora em 1974 acho, mais ou menos 1975. Vai para 2005 ano que vem. Essa piscina vai fechar 30 anos. Eu já fiz, na minha época, corrigir defeitos que tinha no telhado. Tem que de novo olhar. Forro tem que olhar. Tem que pintar a piscina. Está *feia* a piscina. Os vestiários estão feios. [palavra inaudível] está muito ruim. Pintura do tanque em volta dos corredores. *Tirar* aqueles vazamentos que tem. Olha, vai uma grana ali. Mas tem que arrumar. Quando eles pensarem em arrumar, não dá mais. Aquilo ali, eu sempre digo: “estão matando a galinha dos ovos de ouro”. Porque praticamente o dinheiro da piscina vem todo para cá. E isto, eu vou te dizer porque: quando a direção da Escola... Quando a Escola em 1972, 1976 - o Centro Olímpico já estava por aqui - de 1976 a 1980 que eu concorri à direção da Escola. Eu era o vice. Eu fui escolhido como primeiro da lista aqui. Fui para Brasília, aí o De Rose<sup>82</sup> que o irmão dele lá em Brasília, o falecido Antonio Júlio De Rose<sup>83</sup> que era da procuradoria, disse assim: “O professor Jayme é o novo diretor da Escola”. Isso foi na sexta-feira. Na segunda-feira eu não era mais o diretor. Simplesmente anularam o ato e indicaram um outro professor da Escola como diretor da Escola. Mas, como eu era o diretor do Centro Olímpico, eu disse: “Bom, como eu não sou diretor da Escola eu vou me dedicar de corpo e alma ao Centro Olímpico”. Aí como já tinha feito o orçamento e tal. E já tava acostumado a fazer o orçamento do Centro Olímpico. A pessoa que assumiu não tinha experiência nenhuma em fazer orçamento. E a Escola ficou com um orçamento *muito* baixo. *Muito* baixo. Então não tinha dinheiro para nada. Naquela época a gente... Em 1972, 1971, 1972, começou o desporto universitário que era obrigado a fazer educação física...

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>82</sup> Eduardo Henrique De Rose

<sup>83</sup> Nome sujeito a confirmação